

1

SUPPLÍCIO DE UMA MULHER

Em três atos

De Emile de Gerardin e Alexandre Dumas Filho
Tradução de Machado de Assis (1865)
Adaptação de Jota Ene Canabarro :

Personagens:

Elenco

Henrique Dumont - banqueiro

João Alvarez - sócio de Dumont

Matilde - mulher de Dumont

Joana - filha de Matilde

Sra. Laercy

Criado (Jonas)

PRIMEIRO ATO
CENA I

DUMONT — Bom dia, Jonas.

✓ JONAS — Bom dia, Senhor.

DUMONT — Diga a minha senhora que eu já voltei.
Onde está minha filha?

✓ JONAS — A menina Joana está brincando na
galeria, senhor. Quer que a chame ?

DUMONT — Sim, Jonas. Diga-lhe que venha aqui.

✓ JONAS — Não será necessário, senhor. Ei-la aí
chegando. A menina adivinhou sua chegada.

JOANA — Bom dia, papai.

DUMONT — Minha filha. De-me um beijo.

✓ JONAS — Deseja mais alguma coisa, senhor?

DUMONT — Não, Jonas. Avise a senhora.

JONAS — Com sua licença ... (sai)

CENA II

JOANA — Que trazes aqui, meu pai?

DUMONT — Que dia é hoje ?

JOANA — Hoje é sábado.

DUMONT — E amanhã ?

JOANA — Domingo.

DUMONT — Mas de quem é o dia de amanhã ?

JOANA — Ah! É o dia do meu santo.

DUMONT — É o dia de todas as meninas que se
chamam Joana, e de todos os que se chamam João.

JOANA — Como meu padrinho.

DUMONT — Pois bem! Teu pai, a quem não esquecem
datas, na sua qualidade de banqueiro, lembrou-se do
dia 27 de dezembro, e foi comprar uns brinquedos

para a sua filha, a quem faz respeitosamente os seus cumprimentos.

JOANA — Hoje?

DUMONT — Hoje.

JOANA — De véspera ?

DUMONT — Sim, de véspera .

JOANA — Mas por que de véspera e não no dia?

DUMONT — Porque é uso .

JOANA — E por que é uso?

DUMONT — Oh! Como fazes perguntas! Onde iriam parar os homens se tivessem metade da lógica das crianças?

JOANA — Não sabes por que é ?

DUMONT — Minha filha, tu has de achar no mundo uma porção de usos deste genero, cuja explicação não deves pedir, porque ninguém te poderá dar. Eu de mim creio que este uso foi inventado por algum pai que tinha ânsia de presentear a filha, e a quem os outros pais imitaram.

JOANA — Este presente é uma boneca ?

DUMONT — Sim. Que achas?

JOANA — Oh! como é bonita, pai. Como é bonita. Parece-se com a senhora Laercy. Mas é mais bonita do que ela.

DUMONT — Pudera! Esta boneca não fala.

JOANA — Deixa dar-te um abraço, papai.

DUMONT — Estas contente, minha filha?

JOANA — Estou.

DUMONT — Sou o primeiro, não ?

JOANA — Primeiro que ?

DUMONT — Que te deu hoje um abraço.

JOANA — É sim.

DUMONT — Alvarez, teu padrinho, ainda não veio?

JOANA — Não. Pai, que deste aos pobres hoje?

DUMONT — Ainda nada. Toma, distribui isso, tu mesma.

JOANA — Dez moedas de ouro. Com isso não terão fome.

DUMONT — Hoje. Hoje não terão fome.

JOANA — E amanhã ?

DUMONT — Que se há de fazer? Faremos a mesma coisa.

JOANA — Me dará dinheiro todos os dias, para dar aos pobres? É isso?

DUMONT — Sim, mas só te darei dinheiro se não fores travessa.

JOANA — Pois não serei travessa. Agora vou dar de comer à minha boneca.

CENA III

MATILDE — Henrique, já chegaste. Vieste cedo hoje.

DUMONT — E tinha razão para isso. Vem, Matilde, gozar da alegria da nossa pequena Joana.

JOANA — Olha, mamãe, minha boneca. Como ela é bonita.

MATILDE — Sim, é muito bonita! Agora sobe que a senhorita Isaura está a tua espera.

JOANA — Eu quero ficar aqui, mamãe.

MATILDE — Bem sabes que a senhorita Isaura não gosta disso

JOANA — Mas, mamãe, o dia de meu santo é amanhã. Isto é, hoje.

DUMONT — Ela tem razão, Matilde. Hoje a casa é dela. Vai brincar, Joana. Eu falarei com Isaura e ela te desculpará... Matilde, que tens tu? Sempre preocupada!

MATILDE — Não tenho nada, Henrique.

DUMONT — Fazes então como Joana. Venha abraçar-me. A filha já teve o seu presente. A mãe também terá um.

MATILDE — Ainda!

DUMONT — Por que dizes, ainda?

MATILDE — Porque me dás presentes todos os dias. Lindas pérolas! Lindos brilhantes! Queres, Henrique, esvaziar por minha causa todos os joalheiros da cidade? Sabes o que se diz por aí? Não se diz que és generoso, diz-se que és pródigo.

DUMONT — Quem diz isso?

MATILDE — As minhas melhores amigas.

DUMONT — Deixa falar as invejosas! Pois quantas pérolas encerra o mar, e quantos diamantes cria a terra, nunca valerão a felicidade que tu me dás! Há apenas uma nuvem na minha felicidade, é a tua tristeza, Matilde, que vai aumentando. Faço o que posso para dissipá-la, mas de nada adianta. Dize-me o que tens Matilde? Que te falta, minha querida?

MATILDE — Nada, Henrique, nada me falta.

DUMONT — Então tens alguma queixa de mim?

MATILDE — Não, nenhuma! Fazes tudo para que eu seja feliz ... e se ...

DUMONT — E se ...

MATILDE — E se eu ouvisse somente o meu coração ...

DUMONT — Que farias ?

MATILDE — Não teria um só momento de tristeza, nem de aborrecimento.

DUMONT — Então por que andas triste?

MATILDE — Não ando triste, Henrique, ando é doente, ando nervosa, tenho vontade de chorar sem motivo real.

DUMONT — Te faria bem uma viagem? Por que não partimos?

MATILDE — Uma viagem? Partir?

DUMONT — Poderíamos passar o inverno na Itália. Roma. Aquela bela cidade com seus monumentos maravilhosos ...

MATILDE — E teus negócios ?

DUMONT — Não precisam de mim... Verei ... Arranjarei as coisas de modo que eles não sofram com a minha ausência ... E demais, os meus negócios não podem competir com o teu prazer ou a tua saúde... Já te vejo sorrir. o devedor sou eu.

MATILDE — Como não hei de sorrir, meu querido, vendo tanta bondade em ti.

DUMONT — Tanto amor, é o que deves dizer. Nunca te amei mais do que hoje. Tu e Joana são os dois anjos da minha vida.

MATILDE — Pois bem, Henrique. Quero fazer essa viagem. Mudaremos de ares.

DUMONT — Quando quezeres.

MATILDE — Só contigo. Iremos só nós dois.

DUMONT — E Joana?

MATILDE — Por que havemos de levar Joana?

DUMONT — E por que havemos de deixá-la. É o complemento da família.

MATILDE — Ela é tão criança, ainda.

DUMONT — E te aborrece algumas vezes!

MATILDE — A mim ?

DUMONT — És um tanto severa com ela.

MATILDE — Passam-lhe tanto a mão por cima ... que é preciso alguém que a trate com menos brandura.

DUMONT — Talvez tenhas razão. Eu só a vejo nas horas em que não trabalho e trabalho tanto. Então acho delicioso tudo quanto ela faz. Quando a gente gasta um dia inteiro em negócios, é um raio de sol o sorriso de uma criança. Mas tu vives sempre com ela, e eu compreendo, que te aborreças as vezes. Todavia, és tão boa esposa que não podes deixar de ser boa mãe. Haverá caso em que lhe queira mal, com muito pesar teu, pelo que ela te faz sofrer?

A coitadinha, quando nasceu pôs em risco a tua vida.
É fácil aos pais amar os filhos que só lhes dão
alegrias, ao passo que fazem derramar tantas lágrimas
às mães... Mas é preciso perdoar, sobretudo os inocentes.
Por que choras, Matilde?

MATILDE — Porque tu vales mais do que eu. Porque tens
razão. Sou as vezes injusta com Joana. Prometo que nunca mais
o serêi. Ela irá conosco nessa viagem. Partiremos, os três,
sem dizer a ninguém. A ninguém!

DUMONT — Como quezeres. Mas por que esse mistério ?

MATILDE — Para que a viagem tenha mais atrativo, e não
sobrevenha obstáculos ... Passaremos dois ou três meses
em um canto do mundo, onde ninguém nos conhecerá, e então
verás como hei de me fazer alegre. Como me tornarei a tua
Matilde de outrora.

DUMONT — Está decidido. Providenciarei a viagem...
Diga que me amas.

MATILDE — Poderei eu nunca amar-te bastante?

CENA IV

DUMONT — Ah! és tu, Alvarez, estavas aí?

ALVAREZ — Vinha entrando ... procuro Joana...
Sais com a minha chegada ?

MATILDE — Não, Alvarez... não ... saia porque tenho
de dar uma ordem urgente.

DUMONT — Para o baile de Joana?

MATILDE -- Sim, o baile deve ser às duas horas e já é
quase meio-dia. (sai)

CENA V

ALVAREZ — A senhorita Isaura disse-me que Joana
estava aqui. Onde está ela?

DUMONT — No jardim de inverno ... Está ocupada com
a boneca nova que nem te viu entrar... E como estás
tu?

ALVAREZ — Bem, e tu?

DUMONT — Melhor do que nunca.

ALVAREZ — E tua esposa está bem da saúde?

DUMONT — Excelente ...

✓ JONAS — Posso servir a bebida?

DUMONT — Sim, Jonas. Sirva dois.

✓ JONAS — Para o senhor Alvarez, suave ou seco?

ALVAREZ — O de costume, Jonas.

✓ JONAS — Seco então.

DUMONT — Prefiro o suave.

V JONAS — Mais alguma coisa, senhor?

DUMONT — Obrigado, Jonas... Não preciso perguntar o que trazes aí dentro dessa grande caixa. Aposto que é uma boneca.

ALVAREZ — Não aposto, porque perco... A tua boneca fala?

DUMONT — Não.

ALVAREZ — Pois a minha fala.

DUMONT — És um grande corruptor... Assistes a festa das crianças?

ALVAREZ — Sim.

DUMONT — Almoças conosco?

ALVAREZ — De certo.

DUMONT — Muito bom. Vá ter com Joana no jardim. Eu devo preparar alguns documentos ainda agora. Negócios... Sabes de alguma coisa?

ALVAREZ — Sabes que não me ocupo com isso. És tu que fazes tudo, e não te saes mal. És um excelente negociante, por que haveria eu de intrometer-me?

DUMONT — Talvez tenhas de fazê-lo agora.

ALVAREZ — Por que?

DUMONT — Depois saberás... (sai)

CENA VI

ALVAREZ — Joana! Joana!

JOANA — Chamou, padrinho ...

ALVAREZ — Adivinha o que está aqui dentro.

JOANA — Uma boneca.

ALVAREZ — Sim, mas com um joguinho completo de roupinhas.

JOANA — Padrinho, esta boneca é maior que a do papai.

ALVAREZ — Então preferes esta do que a outra.

JOANA — Não, gosto das duas.

ALVAREZ — Por que?

JOANA — Porque a outra foi papai que me deu.

ALVAREZ — Então tu amas muito o teu pai.

JOANA — Sim, muito .

ALVAREZ — Mais do que a mim ?

JOANA — Pois então!

ALVAREZ — Por que razão ?

JOANA — Porque ele é meu pai.

ALVAREZ — Mas, que quer dizer pai?

JOANA — Não sei, só sei que gosto de abraçá-lo.

ALVAREZ — E a mim, não gosta de abraçar?

JOANA — Gosto, mas depois de papai.

ALVAREZ — Veja, aqui tenho mais um presente.

JOANA — O que é ?

ALVAREZ — Um leque para o baile.

JOANA — Baile.

ALVAREZ — Sim, um baile que eu pedi a tua mãe que arranjasse para ti e tuas amiguinhas. É uma surpresa.

JOANA — Um baile como o das filhas da Sra.Tavares? Então é preciso vestir-me e enfeitar-me.

ALVAREZ — Está claro que sim.

JOANA — Então é por isso que a senhorita Isaura me esperava.

ALVAREZ — Vai, minha filha, vai ... Joana !

JOANA — O que é ?

ALVAREZ — Dá-me um beijo ...

JOANA — O que deste aos pobres hoje?

ALVAREZ — Nada.

JOANA — Pois papai deu alguma coisa.

ALVAREZ — Eu também vou dar.

CENA VII

Sra. LAERCY — Bom dia, meu caro Sr. Dumont. Ah! é o senhor Alvarez. Pois olhe, tomei-o pelo dono da casa.

ALVAREZ — Sem me ver?

Sra. LAERCY — Oh! a força de viver juntos a gente acaba por se parecer uns com os outros... É como esta menina, que se parece tanto com o senhor como com o pai. Delicadeza de afilhada, sr. Alvarez. Onde está sua mãe?

JOANA — Está com papai, vou chamá-los.

Sra. LAERCY — Não os incomode. Estou aqui como em minha casa. É a casa de uma velha amiga. (Joana sai) Velha, entenda-se como amizade, porque Matilde é uma criança, como idade e também como carater. Tão jovem. Vou esperar aqui, com o senhor, até que venha aquele jovem casal. Duas rolas, não é verdade. Que belo exemplo! ... e tão poucos os imitam... Não o estou encomodando, não é verdade. Afinal de contas, não será a primeira vez que o senhor faça as honras da casa... Mas o que é feito do senhor, faz tempo que não nos vemos.

ALVAREZ — A culpa é da senhora que estava retirada.

Sra. LAERCY — Estava de luto, mas meu luto acabou hoje, graças a Deus. Se não fosse isso, não poderia eu ter o prazer de inaugurar com o senhor o meu primeiro vestido de cor... Muita gente não dá mais valor ao luto, mas para mim é uma questão de respeito. Devemos respeitar nossos mortos.

ALVAREZ — Também acho.

Sra. LAERCY — O senhor entra no baile das crianças?

ALVAREZ — Como espectador, simplesmente.

Sra. LAERCY — Naturalmente. Também eu como espectadora. É mesmo hoje o baile? O convite apanhou-me de surpresa que eu vinha perguntá-lo a Matilde.

ALVAREZ — É hoje.

Sra. LAERCY — Às duas horas? ... Como se tratam as crianças hoje em dia. Um~~as~~as pequenas de 8 anos a darem bailes. Não acha isso ridículo, sr. Alvarez?

ALVAREZ — O culpado sou eu, Sra. Laercy. Eu próprio encomendei o baile.

Sra. LAERCY — Então minha pergunta é mal cabida. Retiro-a. Afinal de contas, o senhor tem razão, é preciso que as crianças se divirtam. Desde que se falou em baile, Adriana perdeu a cabeça... não dorme. Ela gosta tanto de se divertir. É como o pai. Aquela não puxou a mim. As meninas saem sempre aos pais. Joana puxou ao pai? Conheço-a muito pouco.

ALVAREZ — Ela é como todas as crianças de sua idade. Não tem caracter definido, mas tem boa alma, é meiga, afetuosa.

Sra. LAERCY — Então saiu a mãe, o senhor gosta muito dela? De Joana, entende-se.

ALVAREZ — Adora as crianças.

Sra. LAERCY — Ela gosta do senhor?

ALVAREZ — Como as crianças gostam de quem lhes faz as vontades.

Sra. LAERCY — Seria muito ingrata se não gostasse do senhor.

ALVAREZ — Por que, minha senhora?

Sra. LAERCY — Primeiramente porque o senhor lhe faz as vontades e depois ...

ALVAREZ — E depois ? ...

Sra. LAERCY — Depois, porque o senhor enche a casa de felicidade. Nunca ela há de saber quanto lhe deve.

ALVAREZ — Não compreendo.

Sra. LAERCY — Pois é simplíssimo, Há dez anos, Dumont estava apertado em seus negócios. Não é verdade?

Sra. LAERCY — O senhor emprestou-lhe muito dinheiro.

ALVAREZ — Bem, na verdade ...

Sra. LAERCY — Não negue, foi ele, Dumont, quem me falou. Com muita admiração e reconhecimento pelo senhor.

ALVAREZ — Realmente, com minha ajuda os negócios de Dumont foram salvos. Acredito que ele faria o mesmo por mim.

Sra. LAERCY — Pois é. na época nada lhe faltava para ser feliz, a não ser um filho que pedia ao céu desde três anos de casado, e que o céu negava-lhe. Até que um dia nasceu Joana. Dumont merecia essa felicidade. É tão bom marido, não? Confiante. Fiél a sua mulher. Fiél a sua mulher. Fiél a sua mulher. Coisas estas que se devem dizer três vezes para que se acredite, e ainda se custa a crer. Ah! se eu tivesse um marido como ele.

ALVAREZ — Chega aqui, meu caro Dumont. Falavamos mal de ti.

CENA VIII

DUMONT — Falavam de mim, dentro de minha própria casa? ...

Sra. LAERCY — Sim, senhor Dumont. Dizíamos que o senhor é a pérola dos maridos. E depois deste cumprimento retiro-me.

DUMONT — Por motivo de minha chegada, sra. Laercy?

Sra. LAERCY — Não, é que tinha apenas dez minutos e já os gastei, com o senhor Alvarez. Mas direi em duas palavras o motivo que aqui me trouxe. Tenho camarote para hoje no Vandeville, primeira ordem ... Vai conosco? Matilde decidirá daqui a pouco quando eu voltar para o baile com Adriana. O senhor Alvarez está convidado... Demorei-me demais, vou embora. Até já. Não precisa acompanhar-me. (sai)

CENA IX

DUMONT — Está doida varrida.

ALVAREZ — Se fosse só isso, mas é muito mais.

DUMONT — Engana-te. É maldizente, faladeira apenas.

ALVAREZ — Dizer mal ou fazê-lo é quase a mesma coisa. Acredita, Matilde faz muito mal em conservar semelhante amiga.

DUMONT — Para uma mulher moça, uma amiga tão maldizente como a Sra. Laercy vale por dez amigas e das melhores. É um alvará de honestidade.

ALVAREZ — Tua esposa não precisa disso.

DUMONT — Sem dúvida ... Disse a pouco que precisava falar-te, lembra-te?

ALVAREZ — Sim, e fiquei curioso.

DUMONT — É um segredo. Promete que não o contarás a ninguém. Nem serás como eu que já estou faltando a um juramento. Mas tu és da família, e de mais, não pode ser de outro modo, porque és meu sócio.

ALVAREZ — De que se trata?

DUMONT — Vou fazer uma viagem.

ALVAREZ — Vais fazer uma viagem ?

DUMONT — Vejo que te alegras com isso?

ALVAREZ — Sim ... Suponho que tens algum bom negócio em vista e isso é muito bom para o banco.

DUMONT — Não, Alvarez. A viagem não é de negócio.

ALVAREZ — Como! Não se trata de negócios ?

DUMONT — Ficas admirado ?

ALVAREZ — De certo. Os negócios são a tua vida. Vais só?

DUMONT — Não, não vou só!

ALVAREZ — Com quem vais?

DUMONT — Com Matilde.

ALVAREZ — E Joana?

DUMONT — Irá conosco, naturalmente. E como é preciso que alguém trate dos negócios, na minha ausência, ficas tu incumbido disso.

ALVAREZ — De certo. De certo.

DUMONT — Não te falei que tu terias alguma ocupação?

ALVAREZ — A viagem é longa?

DUMONT — Dependê de Matilde.

ALVAREZ — A causa da viagem ?

DUMONT — Matilde está doente.

ALVAREZ — Desde quando ?

DUMONT — Há muito tempo.

ALVAREZ — Há pouco me dizias que ela estava perfeitamente boa.

DUMONT — É um modo de falar.

ALVAREZ — Foi o médico que aconselhou a viagem?

DUMONT — Não, eu é que lembrei-me de fazê-la.

ALVAREZ — Ela aceitou?

DUMONT — Com muita alêgria.

ALVAREZ — Quando partem?

DUMONT — Dentro de dois ou três dias.

ALVAREZ — Para que lugar pretendem ir?

DUMONT — Pelo caminho que tivermos a frente, sempre em direção do sol, como as andorinhas.

ALVAREZ — E os namorados ...

DUMONT — Como os namorados, sim. Não podias dizer melhor. Como os namorados... Não tens inveja? Rico como és, mais de quatro bilhões ... Moço que o és ainda... Trinta e cinco anos ... boa idade para casar. Casa-te, Alvarez.

ALVAREZ — No dia do meu nome.

DUMONT — Sim, no dia do teu nome ... e para felicidade da tua vida.

CENA X

DUMONT — Entra, Matilde ... Dizia eu a João que devia casar-se, afim de ser tão feliz como somos nós. Havemos de achar-lhe uma mulher como tu. Não é fácil, bem sei. Mas já se pode contentar com uma guase. Vamos lá, prova-lhe que deve casar-se. Eu não tenho tempo para convencê-lo, porque daqui até o dia da partida não posso perder tempo. Um minuto se quer. Já lhe falei da nossa viagem... Não podia haver segredo para ele... Querida, tenho de sair um pouco. Esta viagem requer uns preparativos, estarei na biblioteca. (sai)

CENA XI

ALVAREZ — Então, vais viajar?

MATILDE — Vou.

ALVAREZ — Foi idéia tua?

MATILDE — Não, é desejo de henrique.

ALVAREZ — Não lhe pedi que não pronunciasse esse nome de Henrique diante de mim?

MATILDE — É o nome de meu marido.

ALVAREZ — Meu marido ?

MATILDE — Sim, meu marido e vou viajar com ele.

ALVAREZ — Proibo-lhe que vá com ele.

MATILDE — Proibe-me? Com que direito?

ALVAREZ — Bem sabes com que direito.

MATILDE — João, estou enferma. Afirmo-lhe que estou enferma e preciso mudar de ares... Tenha piedade de mim.

ALVAREZ — Hoje, como sempre, tens só uma idéia. Escapar-me. Fechar-me a porta.

MATILDE — Que é isso? Se meu marido ouvisse.

ALVAREZ — Se ouvisse? Tanto melhor. Seria esse o desenlace de uma situação que não pode prolongar-se. Ou vais partir com ele porque já não me amas? Se é que alguma vez me amou.

MATILDE — De quem é a culpa se eu já não o amo?

ALVAREZ — A culpa é de Henrique que conquistou o teu amor.

MATILDE — Se fosse assim?

ALVAREZ — Matilde.

MATILDE — João. Posso eu impedir que ele seja bom, tanto quanto és cruel, tão nobre quanto és injusto, tão delicado quanto és ingrato? Posso eu impedir-me de os comparar ambos e arrepender-me? Achá-lo em tudo superior a ti, e principalmente a mim?

ALVAREZ — É tarde. Devia ter feito essa comparação há oito anos atrás.

MATILDE — Ah! Se eu as tivesse feito.

ALVAREZ — Hoje amo-a, é minha, disse que me amava. Mentira ou verdade, firmo-me nessa declaração. Já não posso viver sem teu amor, não quero perdê-la e não há de escapar-me, previno-a.

MATILDE — Que faras então?

ALVAREZ — Ah! Cuida que, se eu puz toda a minha vida em um só amor, se durante oito anos sofri todas as torturas e humilhações de ciúme, se ouvi minha filha, sim, minha filha, dar a outro o nome de pai, se suportei tudo isso por teu amor e de Joana, é para que um belo dia venhas dizer-me: vou viajar. Acredita que a deixarei partir? Engana-se. Se não achares um meio de ficar, eu o acharei.

MATILDE — Que meio será?

ALVAREZ — Saio daqui com Joana.

MATILDE — Estás louco.

ALVAREZ — Não. A lei não será por mim, mas eu terei por mim o escândalo e a desonra. Dumont não as quererá em casa, e então serão minhas, porque só eu lhes restarei.

MATILDE — Mas não há ódio que não seja preferível a um amor semelhante! Dois adversários prestes a vir as mãos não fariam de outro modo.

ALVAREZ — Eu não sou Genebrez ... como Henrique. Não aprendi a vida no Emilio e no Vigário Saboyardo. Não amassei minha alma com a neve das geleiras. Nasci em plena Espanha, sob um céu de fogo e é o sol com todos os seus raios que me faz arder o sangue das veias. Amo com todo o meu ser, dou-me por inteiro, exijo tudo. Que me importa a mim teu marido? Tenho-lhe ódio!

MATILDE — O homem a quem chama seu amigo?

ALVAREZ — Tanto pior para ele se é sego.

MATILDE — Apertou-lhe a mão, socorreu-o, salvou-lhe a fortuna e a vida!

ALVAREZ — Foi por tua causa, a quem amava e de quem me queria fazer amado.

MATILDE — É melhor dizer que eu me vendi.

ALVAREZ — Amava-a, adorava-a. Não sei por que meio pude convencer-te. Todos os meios são bons a quem ama. Se até hoje tenho suportado essa vida dupla, é porque pensei ser amado, e que tu, Matilde, suportava, como eu, uma escravidão social. Mas desde que amas esse homem, ele é meu rival, meu inimigo, e ei de matá-lo se for preciso.

MATILDE — O crime após a vergonha, faltava só isso. Ouça, João. Se cometeres semelhante infâmia, me considerarei superior, por mais desonrada que eu seja. Que não só deixarei de pertencer-te, senão que nunca mais me verás. Respeite, proteja até os dias de meu marido, porque, viúva por tua causa, entrarei para um convento com minha filha e ninguém me poderá tirar. Ela será unicamente minha. E eu a defenderei contra os teus furores. Aquela inocente criança, que converteste em espião, a quem interrogas a cada instante, e que lhe dá, sem sabê-la, coitadinha, pretextos para torturar sua mãe, essa criança a tal ponto ficou aos meus olhos que eu sou obrigada a corar diante dela, a temê-la, a fugir-lhe, porque me lembra quanto sou culpada. Fala-me das tuas torturas. Acaso comparam-se às minhas? Que vida me dás, João. E quantas vezes tenho eu pensado em morrer para escapar-te? De há oito anos para cá, não se passa um só dia, sem que haja uma cena como esta. Tua presença a desonrar-me em meu marido, em minha filha, nas minhas recordações, no meu sono! Dele por dever, tua por medo. Nada de mim me pertence, e o amor, amor de esposa, amor de amante, amor de mãe, é tudo sacrilégio, mentira, infâmia. E tu queres que eu o ame?

ALVAREZ — Ah!

MATILDE — Faça o que quizeres. Desonra, mata ... Deus louvado, resta-me a morte, que tu, João, não me podes tirar.

ALVAREZ — Matilde. Matilde. Perdoa-me, amo-te acima de tudo. Tu não sabes até onde chegam os transportes de um amor aguilhoado pela humilhação de saber que não é correspondido. Dize-me só uma vez que me amas, que me amaste, que me amarás sempre. Dá-me uma prova de ternura. Não partas ainda amanhã... Mais tarde ... Daqui a um mes, daqui a oito dias. Não me podes recusar isso.

MATILDE — Levanta-te!

ALVAREZ — Promete-me que não partirás?

MATILDE — Pois sim.

ALVAREZ — Que farás?

MATILDE — Não sei ... verei ... Acharei algum meio. Mas em nome do céu, levanta-te e vai embora, por favor.

ALVAREZ — Diga que me amas.

MATILDE — Sim ... sim, eu te amo.

ALVAREZ — Oh! Matilde, como sou feliz... (sai)

CENA XII

MATILDE — Ah! Meu Deus. Que suplício.

SEGUNDO ATO

CENA I

Sra. LAERCY — Bom dia, querida, como estás? É a segunda vez que venho aqui hoje. Com que então, improvisou um baile para as crianças?

MATILDE — É verdade. Arranjou-se noutro dia uma idéia.

Sra. LAERCY — Jma idéia do Senhor Alvarez ... foi ele quem me disse. Deveria ele ser indiscreto?

MATILDE — De modo algum ... Onde está Adriana?

Sra. LAERCY — Está com Joana. Sua filha agarra todas as meninas que entram e faz-lhes uma distribuição de brinquedos. Deu a minha filha um gato tocando bandolim. Os vendedores destas coisas já não sabem o que inventar.

MATILDE — Chegaram já muitas pequenas para o baile?

Sra. LAERCY — Chegaram todas juntas. Então sou eu quem lhe dou conta do que se passa em sua casa!

MATILDE — É verdade. Demorei-me ... mas aqui estou pronta para desempenhar os meus deveres de dona de casa.

Sra. LAERCY — Espere. O senhor Dumont está fazendo as suas vezes. Deixa-me algum tempo para dizer que está formosa. Quem é a sua costureira? É a mesma Sra.Valentina?

MATILDE — É.

Sra. LAERCY — Tem gosto aquela mulher, creio que volto a vê-la. Atualmente quem me veste é Stokley ... veste muito bem mas é um homem, o que torna a gente acanhada. Com tudo, tem muito gosto. Ah! Stokley mostrou-me há pouco um vestido cinzento que é uma maravilha. Pensava que eu ainda estava de luto. Perguntei-lhe porque não me mostrara aquele vestido há um mes atrás. Respondeu-me que há um mes o vestido ainda não tinha aparecido. Chegou agora da capital.

MATILDE — Pode servir no seu próximo luto.

Sra. LAERCY — Deus a ouça. Tenho uma tia por quem hei de vestir luto de boa vontade. Ela é muito rica. Dona de uma bela herança. Não digo isso por mim. Uma viúva não precisa de luxo. É para minha filha, a quem devo procurar estado daqui a dez anos.

MATILDE — Já pensa nisso?

Sra. LAERCY — É preciso ... Ah! como a senhora é feliz em ter um marido. É coisa que faz rir, mas ninguém sabe que falta faz um marido. Enquanto a gente tem o seu,

parece-lhe que pode passar sem ele, e quando o perde não sabe como haver-se. E depois, que bandeira, minha amiga. Como os outros navios nos dão salvas. Que respeito. E como se pode entrar francamente nos portos estrangeiros. Ah! Mas o seu é uma pérola engastada em milhões ... Dá-lhe o que a senhora quer, ama-a, deixa-a livre e senhora de todas as suas ações. Importa-lhe tanto a opinião do mundo como se ela não existisse.

MATILDE — E por que lhe havia de importar a opinião do mundo? Ele nada tem a temer.

Sra. LAERCY — Pessoalmente ... nada.

MATILDE — Acabe seu pensamento, Sra. Laercy.

Sra. LAERCY — Oh! Meu Deus. Pois o mundo não murmura de todas as mulheres, as que são elegantes, e as que não o são? As que são moças, e as que deixaram de ser? Só as feias estimariam que se falasse delas, mas ninguém lhes faz essa caridade.

MATILDE — Isso quer dizer que se fala de mim. O que diz o mundo a meu respeito?

Sra. LAERCY — De positivo, nada.

MATILDE — Entretanto ...

Sra. LAERCY — Vejamos, Matilde. Há alguém que nunca a deixa, como a sua sombra, não? Vai contigo a toda parte, a Ópera ou aos Italianos. Se a amiga está em um pequeno teatro, no fundo de um camarote, quem é que aparece por detras do teu ombro? É o Sr. Alvarez.

MATILDE — O sr. Alvarez ...

Sra. LAERCY — Ah! Minha amiga. Se a estou perturbando, paro.

MATILDE — Não me perturbo.

Sra. LAERCY — Não, mas desconfiei desses movimentos que podem parecer comoção.

MATILDE — Não estou comovida, estou espantada.

Sra. LAERCY — Ora, pois. Francamente, já que comecei, acabo. O Sr. Alvarez anda muito contigo, Matilde.

MATILDE — Mas ele é sócio de meu marido.

Sra. LAERCY — Isso mesmo.

MATILDE — Que falas, Leonia.

Sra. LAERCY — Não sou eu quem fala. É o mundo, Matilde. Pois é isso. O Sr. Alvarez, não é culpa tua, imprime nesta casa uma mancha negra que salta aos olhos. Serei franca. O Sr. Alvarez é comprometedor. Anda muito contigo, Matilde. Creia-me. Afasta-o daqui. Bem vêes, pelo tom em que me exprimo, que eu não creio no que fala o mundo.

MATILDE — É. E faz muito bem não crer.

Sra. LAERCY — Uma idéia. Faça com que ele se case. Há tantas raparigas prontas a se apaixonarem por uns olhos brilhantes.

MATILDE — Não tenho direito algum ao sr. Alvarez, e não posso fazer com que ele se case, nem deixe de casar-se.

Sra. LAERCY — Tanto pior. Porque era o meio de dar uma resposta a tudo e já é tempo de responder.

MATILDE — Explique-se claramente, por favor.

Sra. LAERCY — Pois bem, minha amiga. Tinhas tu uma criada, Zoé ... uma pestinha. Foi boa demais com ela. Viu-se, entretanto, obrigada a despedí-la.

MATILDE — Era muito atrevida.

Sra. LAERCY — Não nego, mas fez mal. Era melhor fazer ouvidos de mercador aos atrevimentos dela.

MATILDE — Por que?

Sra. LAERCY — Porque ela deu a bater língua.

MATILDE — Não compreendo.

Sra. LAERCY — Eis o caso. Zoé foi apresentar-se em casa da sra. BERTOLT, inimiga íntima tua, e cujo marido é tão tagarela e maldizente como a mulher. Sabe do alcunha que puseram ao Bertolt? Portaria de convento. A sra. Bertolt tomou Zoé ao seu serviço, e logo no dia seguinte entrou a fazer-lhe perguntas e ela falou.

MATILDE — Mas Zoé não tem nada que dizer.

Sra. LAERCY — Mas falou. Inventou, estou certa disso. Infelizmente, inventou pormenores tão precisos, que têm ares de verdade, para quem gosta de escândalos.

MATILDE — E a sra. Bertolt acreditou em semelhante rapariga?

Sra. LAERCY — Qual! Despediu Zoé, dizendo-lhe que era uma infame criatura, que caluniava odiosamente a sua antiga ama. E que nunca tomaria ao seu serviço uma tal víbora. Zoé, debulhada em lágrimas, jurou que de tudo quanto disse podia dar provas.

MATILDE — Provas.

Sra. LAERCY — Não as tem. Foi o que eu disse. "Saia de minha casa!" exclamou a Sra. Bertolt, com aquele ar beatil que lhe conhecemos, e entretanto anda ela simulando a indignação por toda a parte. Bertolt vai também espalhando a história de clube em clube... Pobre amiga. Como estás palida. Não te peço confidências, dou-te um conselho. Enfrente o escândalo ou prepare seu marido para que ele não sinta o choque. Ou afastando o senhor Alvarez. Se ele se recusar a casar-se, ponha-se em conta com o mundo. É tudo o que querem os seus amigos. E demais, não há um homem que valha a pena de nos comprometermos por ele.

MATILDE — Aceitarei a luta com o mundo. Provarei ...

Sra. LAERCY — Não lute, minha amiga. Ceda, viva em paz com a maledicência, é menos perigoso do que viver em guerra com a calúnia... Já não pensavamos no baile e eis que ele vem a nossa procura.

(17)

CENA II

JOANA — Mamãe, é uma carta para ti.

MATILDE — De quem ?

JOANA — De meu padrinho, que entrou no salão, só para me entregá-la e dizer-me: Vai dar isto já a tua mãe, é uma surpresa.

MATILDE — Obrigado, minha filha. Vai dançar, agora.

CENA III

Sra. LAERCY — Leia a carta, minha amiga. Leia a carta.

MATILDE — Dá licença.

Sra. LAERCY — Pois não... Que aconteceu ?

MATILDE — Nada.

Sra. LAERCY — Parece perturbada.

MATILDE — Uma contrariedade.

Sra. LAERCY — Se lhe posso ser útil. Disponha de mim.

MATILDE — Não, obrigada. Eu preciso escrever algumas palavras.

Sra. LAERCY — Esvreva, escreva. Vou ver as crianças dançar. Até já, então.

MATILDE — Até já ...

Sra. LAERCY — Até já ...

CENA IV

MATILDE — Que será de mim? (lendo) " A sua miserável Zoé cumpriu o que disse. A esta hora o nosso segredo corre de boca em boca. Já esta noite não será segredo para teu marido. Matilde, não se pode perder um minuto, é preciso fugir. A fatalidade, que eu abençoo, vem obrigá-la a ser ainda mais minha do que eu esperava que fosse. Esteja às 8 horas na estação ferroviária de norte com Joana. Não se preocupe em levar coisa alguma, já providenciei tudo. Ah! Matilde, viveremos juntos os três e seremos felizes. Enfim, Matilde, serás totalmente minha... "

— Que vergonha. Desta vez, como sempre, ele só pensa em si. Amor, egoísmo do coração, ser maldito... Que fazer? Esta mulher que daqui saiu não deixou dúvida nenhuma. Estou perdida. Com que arte ela me torturava. Amizade, tu és então uma vã palavra como o amor? A quem ei de pedir conselho? A minha mãe, santa mulher que só conheceu o bem em sua vida. Onde achará ela os recursos do mal? A meu pai? Ele morrerá de vergonha ante esta confissão. Mentir então. Mentir ainda? Sempre mentir. Ah! Morrerei, é mais simples e leal! Morrer como? A minha morte, como a minha vida não me pertence. Posso fazer crer num desastre para salvar a minha honra, para ser chorada pelos que me amam. Essas lágrimas serão o meu último roubo. Sim, posso montar a cavalo e emmigalhar a cabeça contra a calçada da rua. Que morte! Sou covarde, não serei capaz disso. Meu Deus, que será de mim? Como me perdi eu.

Olha a que ponto chegaste, desgraçada. Que lodo estás metida. Que procuras? Vai até o fim do teu destino. O teu amante tem razão. Dirão que não pudeste resistir ao teu amor ... I Invejarão as outras mulheres tua coragem... Os poetas te cantarão em versos. Falarão de ti na grande cidade, ficarás celebre ... Os lacaios contarão a tua história entre gargalhadas nas ante-câmaras dos teus amigos. Dirão que já o sabiam, e talvez já saibam ... E tu, envelhecerás na Itália, heroína de romance, a borda de um lago, eternamente entregue a tua culpa. Pois sim, partamos ... Nunca.

CENA V

DUMONT — É assim que presides a dança dos pequenos? Felizmente Joana desempenha-se as mil maravilhas. Toma a coisa a sério. Dei muitas risadas. Adriana também é engraçada, mas que diferença de Joana. Aqui para nós, não há menina que chegue aos pés da nossa... Que tens tu? É verdade, a Sra. Laercy disse-me que recebeste uma carta que te contrariou muito ... Que te aconteceu?

MATILDE — Henrique ...

DUMONT — Matilde, por que me olhas assim? Morreu tua mãe? Onde está a carta? ... A letra é de Alvarez. Que significa isto? É a ti que esta carta é dirigida?

MATILDE — É.

DUMONT — Mas não compreendo... Alvarez ... Esta carta diz a verdade ?

MATILDE — Sim, Henrique.

DUMONT — Miserável... sinto que vou ficar doído ... perdão, Adeus!

MATILDE — Henrique ...

DUMONT — Fez bem em confessar. Neste caso é melhor dizer a verdade, mas podia esperar um pouco mais, por compaixão. Eu não te fiz nada... Mas tu não podia perder tempo, urgia sair, ele esperava e espera. Que queres? Por que estás aqui? É livre, saia. Devia sair sem me dizer nada, era muito mais simples. E eu que nada percebi, nem suspeitei. Mas por que me fez esta confissão?

MATILDE — Porque esperava que tu me matasse. Não tenho coragem de matar-me a mim própria.

DUMONT — Por que motivo quer morrer?

MATILDE — PORQUE sou a mulher mais infeliz deste mundo!

DUMONT — Infeliz? Em que? Ama e é amada, deve viver.

MATILDE — Não o amo!

DUMONT — Não o ama! Então que mulher és tu?

MATILDE — Se eu disser que no fundo da alma só tenho amado a ti, não há de acreditar. E no entanto não tenho outra coisa para te dizer, e não repito para que acredites, mas porque é a verdade mais verdadeira.

MATILDE — Eis por que te fiz a confissão. Ordenas o que quizeres, sujeito-me de antemão, contanto que eu não sofra mais este martírio, este castigo, mais tremendo que todos os que tu pudesse inventar. Quer que eu morra para deixar-te livre para que possas amar outra, e dar-lhe o teu nome que não respeitei? Eu te fornecerei todas as provas. Julgue-me, mate-me, faça de mim o que quizeres, eu te abençoarei qualquer que seja a minha sorte.

DUMONT — E desde quando caíste tão baixo?

MATILDE — Desde o dia em que acreditei que ele te salvaria da ruína.

DUMONT — Há dez anos! ... Então, Joana? ... Nada mais tem a dizer?

MATILDE — Que me ordenas?

DUMONT — Faz o que quezer, toma tua filha, leva-a, eu não a conheço.

MATILDE — Adeus!

DUMONT — Onde vai? Proibo-te que se mate.

MATILDE — Por que ?

DUMONT — Porque já há bastante crimes no passado e tua filha precisa de ti. Não sou eu quem a educarei, e o pai pode faltar de um instante para o outro.

MATILDE — Vai bater-te, Henrique?

DUMONT — Que te importas?

MATILDE — Em nome do céu, não exponhas os teus dias.

DUMONT — Assim, durante dez anos, mentiu-me todos os dias. a todas as horas, a todos os minutos, e eu nada vi. E simulavas ternura para mim. E não a sufoquei naqueles abraços que eu tomava por amor... Miserável. E te vi corar se o acaso te colocava em contato no teatro ou no passeio com alguma mulher comprometida! E acreditava que era ela quem produzia o teu vexame. O vexame era por ti própria! A fome, a miséria são as desculpas dessas perdas, quais são as tuas?

MATILDE — Não as tenho.

DUMONT — Veja ao menos se encontras alguma.

MATILDE — Não quero ter nenhuma. Eu não te mentia. Te amava e te amo.

DUMONT — Basta! É inútil a comédia. Entre para teus aposentos e espere as minhas ordens.

MATILDE — Que vais fazer de mim?

DUMONT — Não sei. Enxuga os olhos para que os outros não te vejam assim...

JOANA — Papai, mamãe, não vão ao baile?

MATILDE — Saia, Joana, saia.

JOANA — Mamãe me manda sempre embora, mas hoje eu tenho juízo, não é papai?

(20)

DUMONT — Leve esta criança daqui.

JOANA — Por que, papai?

DUMONT — Levem esta criança daqui... Espere, Joana.
Deixe-me a sós com ela (Matilde sai)

CENA VI

DUMONT — Peço-te perdão, Joana, por ter gritado contigo.

JOANA — Eu te perdôo, papai.

DUMONT — Não me chames de pai ...

JOANA — Como devo chamar-te ?

DUMONT — Chama-me de amigo ... Ah! minha pobre menina,
como eu sou desgraçado ...

JOANA — Mas o que está acontecendo?

DUMONT — Vai brincar, agora. Depois eu lhe explico.
(chama o criado) ... Jonas, vá a casa do Sr. Alvarez
e diga-lhe que estou a espera dele.

JONAS — Não quer que lhe sirva antes uma bebida?

DUMONT — Não, Jonas, eu mesmo faço isso. Agora vá depressa.

TERCEIRO ATO

CENA I

Sra. LAERCY — Ninguém ... Nem ela, nem ele. Ninguém os viu no baile ... De quem se despede a gente nesta casa quando saem? Que terá se passado? ... É talvez aquela carta. Preciso saber o que havia naquela carta ... Cheira-me a mistério ... Onde está dona Matilde ?

✓ JONAS: — A senhora achou-se repentinamente indisposta. Retirou-se para o seu quarto e deu ordem de não receber pessoa alguma.

Sra. LAERCY — E o Sr. Dumont ?

✓ JONAS — Estava aqui a bem pouco! Quer aguardar que ele já vem. Ei-lo que chega. (sai)

CENA II

Sra. LAERCY — Procurava o senhor ou Matilde para despedir-me.

DUMONT — Peço que a desculpe. Um fato imprevisto obrigou-a a retirar-se ao quarto.

Sra. LAERCY — Aquela carta, sem dúvida.

DUMONT — Sim ... aquela carta.

Sra. LAERCY — Alguma notícia má?

DUMONT — Uma má notícia com efeito.

Sra. LAERCY — Que só interessa a ela?!

DUMONT — Que interessa a mim, e também a senhora.

Sra. LAERCY — A mim?

DUMONT — A senhora. Foi por isso mesmo que me conservei no gabinete até agora. Tinha de lhe dar alguns papéis, antes que a senhora fosse. E era preciso pô-los em ordem.

Sra. LAERCY — Que papéis?

DUMONT — A senhora é nossa amiga, não é?

Sra. LAERCY — Creio que está bem convencido disso.

DUMONT — Também nós somos seus amigos, e não queremos arrastá-la no infortúnio que nos fere.

Sra. LAERCY — Explique-se .

DUMONT — Devo-lhe com efeito uma explicação. É o banqueiro quem lhe vai dar, e que reclama de sua parte a maior discreção, ao menos por alguns dias.

Sra. LAERCY — Eternamente se for o caso.

DUMONT — Não lhe peço tanto. A senhora sabe que serviço me prestou em outro tempo ... o meu ... amigo Alvarez?

Sra. LAERCY — Sei.

DUMONT — Foi por ele que eu pude restabelecer os meus negócios.

Sra. LAERCY — Sei. *é verdade*

DUMONT — Desde essa época ... estou eu a testa de uma das primeiras casas bancárias de cidade, depositário e administrador de algumas grandes fortunas, entre as quais a sua.

Sra. LAERCY — Ou pelo menos uma parte da minha ... Depois?

DUMONT — Pois bem. A nossa sociedade se dissolveu e a casa vai fechar. Liquidamos o negócio.

Sra. LAERCY — Liquidaram? Oh! meu Deus.

DUMONT — Os negócios iam bem. Mas o sr. Alvarez precisou repentinamente de seus fundos.

Sra. LAERCY — Que sobem a ...

DUMONT — A quatro ou cinco bilhões ...

Sra. LAERCY — Então ...

DUMONT — Vou entregá-los. Mas para isso é preciso fazer grandes sacrifícios. Vou vender as minhas propriedades, os meus quadros, a minha casa ... estou falido, em uma palavra, porque eu não contava com esta reclamação.

Sra. LAERCY — Não havia contrato de sociedade, ou não está ele em regra?

DUMONT — O contrato estava em regra, porque o caso foi previsto. Cada qual ficava com a sua liberdade. Eramos mais amigos do que sócios.

Sra. LAERCY — E os seus credores?

DUMONT — Descance, não perdem um níquel. A sua conta foi a primeira que eu tirei ... Aqui está um saque sobre o banco, com o qual, pode receber a quantia que lhe cabe.

Sra. LAERCY — Recebo tudo? Ah! o senhor é um homem honrado.

DUMONT — Nunca duvidei disso, mas nem por isso deixo de alegrar-me a sua confirmação.

Sra. LAERCY — E a que atribui a repentina necessidade de dinheiro que tem o Senhor Alvarez?

DUMONT — A uma necessidade de dinheiro.

Sra. LAERCY — Mas ele podia fazer a reclamação por outros termos.

DUMONT — Não os empregou para obsequiar-me. É um homem de primeiros movimentos. É preciso aceitá-lo como ele é.

Sra. LAERCY — E o senhor não lhe fica querendo mal?

DUMONT — Não quero mal a ninguém.

Sra. LAERCY — Mas ele sabe que o arruina?

DUMONT — Deve supô-lo.

Sra. LAERCY — E que diz Matilde ?

DUMONT — Resigna-se ... Foi a ela que Alvarez encarregou desta comunicação ... inesperada. Esse era o conteúdo daquela carta, que a perturbou tanto.

Sra. LAERCY — Senhor Dumont.

DUMONT — Minha senhora.

Sra. LAERCY — Sua senhora é um anjo. Perdoe-me o senhor e ela também...

DUMONT — O que ?

Sra. LAERCY — Quase a caluniei.

DUMONT — A senhora.

Sra. LAERCY — No meu pensamento.

DUMONT — Como?

Sra. LAERCY — O senhor sabe. A gente nem sempre resiste aos maus pensamentos. E é mau isso. Mas a minha franqueza lhe provará como deploro os que eu tive. E tudo quanto eu faria para combatê-los se outrem os tivesse.

DUMONT — Peço que se explique.

Sra. LAERCY — Matilde podia impedir a sua ruína. É verdade que seria a custa de sua honra. O senhor Alvarez ama-a.

DUMONT — Acredita?

Sra. LAERCY — Estou certa, e foi para vingar-se da resistência dela que ele fez o que fez. Vingança de lacaio.

DUMONT — Oh! Não ... seria demasiado horrível e indigno de um cavalheiro.

(23)

Sra. LAERCY — Era visível esse amor. Falava-se e até já se começava a acusar Matilde ... Vim hoje advertí-la disso. Mas agora é preciso calar. Há gente que eu conheço, sem falar no casal Bertolt, que vai ficar desesperada, mas estou contente por causa de Matilde.

DUMONT — Obrigado, minha senhora, pelas palavras. Com efeito, Matilde é a minha consolação neste desastre que fere também a ela, e que ela quer compartilhar até o fim. Sofrerá, já que está acostumada desde a infância ao luxo e a todos os gozos da vida. Mas, no caso mesmo em que lhe faltasse a coragem e ela voltasse para a casa dos pais, como já lhe lembrei, nem assim lhe ficarei querendo mal. A lembrança de felicidade que lhe devo no passado basta-me no futuro.

Sra. LAERCY — Posso abraçá-la antes de sair?

DUMONT — Pois não ... Diga a senhora que venha aqui.

Sra. LAERCY — Aquele sr. Alvarez é um miserável. Deixarei de cumprimentá-lo a primeira vez que o vir. E proibirei aos meus amigos que lhe falem ...

DUMONT — Ele está no seu direito.

Sra. LAERCY — Conte com minha amizade eternamente, Coragem Sr. Dumont, coragem!

DUMONT — ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Tê-la-ei.

Sra. LAERCY — Então é um saque a vista?

DUMONT — A vista.

Sra. LAERCY — Eu própria posso ir cobrar o dinheiro?

DUMONT — Agora mesmo.

Sra. LAERCY — Vou passar pelo banco antes de ir para casa.

DUMONT — Faça isso.

Sra. LAERCY — Está aberto até as quatro horas.

DUMONT — Está ... (Entra Matilde)

Sra. LAERCY — Pobre amiguinha ... Queria abraçá-la ainda uma vez ... Perdoe-me tudo o que lhe disse, não tens melhor amiga do que eu ... a de ter a prova, porque havemos de nos encontrar muitas vezes. Eu não sou daquelas que fogem ao infortúnio ... Coragem. Até breve.

✓ JONAS — Acaba de chegar o sr. Alvarez.

Sra. LAERCY — Adeus ... Não quero vê-lo ... Três horas e meia. Ainda há tempo de chegar até o banco. (sai)

DUMONT — Jonas, mande entrar o senhor Alvarez ...

✓ JONAS — Sim, senhor.

CENA III

MATILDE — Que devo fazer ?

DUMONT — Fique .

ALVAREZ — Estou as tuas ordens, Henrique. Que queres de mim?

DUMONT — Dois homens na situação em que nos achamos em face um do outro só podem impedir que essa situação caia no ridículo, falando com franqueza.

ALVAREZ — Que situação ?

DUMONT — Faltei alguma vez com os deveres de amizade?

ALVAREZ — Nunca.

DUMONT — E contudo tu traíste essa amizade ... e pelo crime mais odioso ... pelo mais covarde.

ALVAREZ — Henrique.

DUMONT — Há dez anos que és amante de minha mulher.

ALVAREZ — Que dizes ?

DUMONT — Eis a tua darta.

ALVAREZ — Interceptaste-a ?

DUMONT — Foi minha mulher que me entregou.

ALVAREZ — Ela?

DUMONT — Ela.

ALVAREZ — Teve semelhante audácia?

DUMONT — Confiança, deves dizer.

ALVAREZ — Por que confiança?

DUMONT — Porque não o ama, porque nunca o amou ... e prefere a minha justiça, a minha colera mesmo ... ao seu amor. É verdade, Matilde?

MATILDE — Sim, é verdade.

ALVAREZ — É tudo quanto tens para dizer-me?

DUMONT — Não. Há dez anos! Compreende que, sem que eu saiba, dou ao mundo o indigno espetáculo de um marido ridículo pelo excesso de sua confiança, talvez mesmo o de um marido infame pela aparência de sua cumplicidade ... e sobretudo depois do serviço que o senhor me fez, porque eu fui obsequiado pelo senhor.

ALVAREZ — Mas ...

DUMONT — E quero ficá-lo sendo.

ALVAREZ — A que quer chegar?

DUMONT — Quero pedir-lhe um conselho, senhor Alvarez.

ALVAREZ — Um conselho, a mim? Não estas falando seriamente?

DUMONT — Como não falaria sério numa situação tão séria? Pensa que no espaço de duas horas não tive tempo de refletir? E a reflexão vai depressa em certas momentos. Sei o que faço, porque, graças a Deus, o meu espírito é são, e a minha alma forte ... É uma boa coisa aprender a vida na escola de pais honestos ... Interrogo-o, pois — é esse o menor dos meus direitos — e pergunto-lhe:

DUMONT — Se eu lhe tivesse prestado outrora um favor assinalado se, depois de tê-lo prestado, tornasse-me seu sócio e amigo íntimo, se depois lhe roubasse a mulher, e se tivesse dela uma filha, que, sendo minha, passasse por sua, que faria o senhor? Responda.

MATILDE — Meu Deus, meu Deus.

ALVAREZ — Há situações em que só se tomam conselhos de si próprio, e da própria dignidade.

DUMONT — Responda, Senhor Alvarez!

ALVAREZ — Não me compete a mim dizer-te o que deves fazer

DUMONT — Então posso interpretar o seu silêncio?

ALVAREZ — Interprete-o.

DUMONT — No meu lugar, tratar-me-ia de miserável, de infame, talvez mesmo me esbofeteasse ... afim de tornar inevitável o duelo que ordinariamente deve resultar de uma situação como esta, entre dois homens como nós.

ALVAREZ — Talvez .

DUMONT — Eu não admitirei quatro testemunhas na confiança de um fato que só deve ser conhecido dos culpados e do juiz... E demais, se eu não o matasse onde estaria a reparação? ... Se o senhor me matasse onde estaria a justiça?

ALVAREZ — Então ?

DUMONT — Interroquei a lei, e pedi-lhe alguns meios que ela me oferecia ... Posso matá-los, a ela e ao senhor. Posso fazer prender minha mulher, e infamá-la publicamente. Posso separar-me dela amigavelmente, como se diz ... Mas seja o que for, desonra para ela, ridículo para mim, vergonha para a criança que não pode ser solidária do crime de vós ambos... A lei é cruel ... poderia prever melhor. Resta-me o direito de perdoar. Aí, bem o quizera, mas eu sou apenas um homem, e não tenho forças para isso, apesar do desejo que teria de mostrar-me superior a ambos. Por mais sega que fosse essa paixão, é impossível que não corassem nem sofressem com o mal que fizeram ... mas incalculável, irreparável — porque rouba-me o passado, o presente e o futuro... Rouba-me o amor da mulher, as esperanças da filha, e até a amizade do senhor ... Todo o meu coração se resumia nos três.

ALVAREZ — Henrique ...

DUMONT — E depois, há o mundo a quem eu tinha de dar uma explicação ... A Sra. Laercy, que o representa aos meus olhos com todas as suas frivolidades, injustiças, zambarias e direitos, já sabe o que deve dizer, e o mundo dirá o que ela disser, porque eis aqui o que eu exijo de ambos. O senhor Alvarez me reclamará bruscamente esta tarde, por via legal, os capitais que tem em minha casa ... de maneira que me arruine totalmente. Lhe entregarei o dinheiro no prazo que eu marcar.

ALVAREZ — Ped-me uma infâmia, Henrique.

DUMONT — Está no caso de recusar alguma coisa?

ALVAREZ — Mas ...

DUMONT — E acredita o senhor que eu possa guardar um níquel da fortuna que adquiri com o seu dinheiro? Exijo que se submeta a esta condição ... quero ficar arruinado, e arruinado pelo senhor João Alvarez ...

ALVAREZ — E se eu recusar ?

DUMONT — Sabe que nunca faltei à minha palavra ... e se recusarem fazer aquilo que eu tenho o direito de impor-lhes, dou-lhes a minha palavra de honra que ao sair daqui ... dou um tiro na cabeça, e deixarei uma carta junto ao meu testamento, por onde se verá a verdadeira razão da minha morte ...

ALVAREZ — Desonra-me por outro modo, eis tudo ...

DUMONT — Escolha.

ALVAREZ — Não tenho escolha. Farei o que queres.

DUMONT — Está bem. As suas contas estão feitas, dentro de uma hora o meu caixa se entenderá com o senhor. Quanto a senhora ...

MATILDE — Meu Deus, que vai ele fazer?

DUMONT — Quanto a senhora, irá viver com seus pais ... depois de me reclamar o seu dote, escrevendo-me uma carta em que me há de dizer que não tem coragem de suportar a miséria ...

MATILDE — Mas é impossível ... Seria esse o meu perdão ...

DUMONT — Não quero perdoar ... e entre os castigos que eu podia impor-lhes, escolhi o mais infamante. Condeno-os à ingratidão.

MATILDE — E minha filha ?

DUMONT — Sua filha? ... Jonas, Mande Joana vir até aqui... Como de nós três, sou eu o único que pode fazer dela uma mulher honesta, guardo-a comigo, e, como não tenho mais nada, trabalharei para educá-la agora, e para casá-la mais tarde. Na prosperidade o trabalho é ainda um dever ... na desgraça, é um refúgio.

JOANA — Aqui estou.

DUMONT — Joana, venha cá. Tua mãe é rica, teu padrinho é rico, eu estou pobre. Sabes o que é ser pobre?

JOANA — Sei sim, papai. Eu sei o que é ser pobre.

DUMONT — Com qual de nós queres tu viver?

JOANA — Com papai.

DUMONT — Tua mãe é obrigada a partir, queres ficar comigo ou ir com ela.

JOANA — Quero ficar contigo.

DUMONT — Vai então abraçar tua mãe... E agora, senhora, pode ir para casa de seus pais... Gostas então de mim?

JOANA — Oh! Sim, papai... Mas eu tornarei a ver minha mãe?

DUMONT — Talvez, Joana, Talvez ...

PANO RÁPIDO.

18